



DOSSIÊ: "Comunicação nas Periferias"

OS DEZ ANOS DE COBERTURA DAS PERIFERIAS PELA AGÊNCIA MURAL

Paulo Talarico¹

RESUMO: A Agência Mural de Jornalismo das Periferias completa dez anos em novembro de 2020. Mantida por comunicadores que vivem ou viveram nas periferias da região metropolitana de São Paulo, essa organização jornalística trabalha com a ideia de quebrar os estereótipos sobre as periferias, ressignificar e criar identificação entre moradores e seus territórios, além de cobrir as lacunas de informação sobre essas regiões. Tudo por meio do bom jornalismo. Neste relato, abordarei a história deste meio jornalístico, do qual sou o atual editor-chefe de jornalismo, e o avanço da comunicação sobre as periferias ao longo desta década, assim como as perspectivas e os próximos passos visando a importância dessa cobertura para a democracia.

PALAVRAS-CHAVE: *Jornalismo. Periferias. Desigualdade social. Diversidade. Brasil.*

ABSTRACT: The Agência Mural de Jornalismo das Periferias completed ten years in November 2020. Maintained by communicators who live or have lived on the outskirts of the São Paulo metropolitan region, this organization journalistic works with the idea of breaking stereotypes about the peripheries, reframing and creating identification between residents and their territories, in addition to covering information gaps about these regions. All through good journalism. In this account, I will address this history of this journalistic medium, of which I am the current editor-in-chief of journalism, and the advancement of communication on the peripheries this decade in Brazil, as well as the perspectives and next steps aiming at the importance of this coverage for democracy.

KEYWORDS: *Journalism. Peripheries. Social inequality. Diversity. Brazil.*

¹ Editor-chefe de jornalismo e cofundador da Agência Mural de Jornalismo das Periferias. Faz parte da Mural desde 2011 quando começou como correspondente de Osasco. Formado em jornalismo pela Universidade São Judas Tadeu, tem pós-graduação em jornalismo esportivo pelo Ipog (Instituto de Pós-Graduação) e curso técnico de locução para rádio e TV pela Rádio Oficina. Atualmente, estuda História na Universidade de São Paulo. E-mail: paulo@agenciamural.org.br

INTRODUÇÃO

A Agência Mural de Jornalismo das Periferias tem uma equipe fixa com 19 membros além de mais de 50 correspondentes locais que vivem nas periferias da região metropolitana de São Paulo. São jornalistas, estudantes e interessados em comunicação que fazem a cobertura sobre os locais em que moram. O grupo atua em rede desde 2010. Além de ter um site próprio (www.agenciamural.org.br), a Mural faz parcerias para publicar reportagens em outros jornais, tem parcerias com organizações internacionais e já produziu reportagens especiais, minidocumentários, *podcasts*, reportagens para revistas estrangeiras. Esse crescimento veio após anos de articulação entre os membros deste time e nasceu de uma necessidade identificada pelos primeiros participantes.

Descrição, história e aprendizados

Numa terça-feira de 2019, estávamos no Bar do Zé Batidão durante o tradicional Sarau da Cooperifa, um dos eventos culturais mais tradicionais das periferias de São Paulo. Naquele dia, recebemos o Prêmio Cooperifa de Cultura Periférica em comunicação. A homenagem para a Agência Mural se deu por conta dos oito anos de criação. “Em um período tão marcado pelas *fake news*, ter a Agência Mural é muito importante para as periferias”, disse na época o poeta Sérgio Vaz.

Eu era um dos que representava a Agência Mural naquele momento. Comentei sobre minha percepção sobre este momento histórico. Sinto que fazemos parte de um movimento que cresceu muito ao longo da última década e que não é só jornalístico. Moradores das periferias que ascenderam às universidades têm tentado levar os seus saberes para os seus. Ou seja, são historiadores que se formaram e tentam mostrar um recorte que represente a realidade dos seus vizinhos periféricos. São psicólogos e psicólogas que além do atendimento no dia a dia criam projetos que abordam as questões de raça e moradia. São os movimentos culturais que cresceram desde os anos 1990 e apresentam outras perspectivas de suas realidades. E esse movimento também influenciou o jornalismo e tem provocado transformações nas redações pelo Brasil.

Já ganharmos outras premiações por conta do trabalho, mas aquele tinha um valor diferente. O peso de ser reconhecido pelo próprio território, pelas periferias e por uma ideia de cobrir essas regiões a partir de jornalistas que são moradores delas. Vale contextualizar que nas décadas passadas, diversos veículos atuaram a seu modo como formato de resistência. A imprensa negra existe desde o século XIX² e tratava de temas essenciais em um país que institucionalizou a escravidão até 1889 e que manteve o racismo estrutural durante a República. Existem também os jornalistas que sempre pregaram o jornalismo local ou um jornalismo vinculado a bandeiras como o direito à moradia e aos direitos dos trabalhadores, e exerceram trabalhos fundamentais em momentos de exceção como a Ditadura Militar.

O que muda de 2010 para cá foram diversas possibilidades de um trabalho em rede que conecta diferentes realidades, diferentes periferias - afinal não é uma periferia, são várias, cada uma com suas características, assim como semelhanças, como qualquer bairro. Essa atuação em rede vem em um momento que a internet impacta o modelo de jornalismo - enfraquecido como negócio por conta da velocidade das mudanças, enquanto a indústria mantinha ideias do século passado. Mas foi também por meio dessa internet que houve a vazão de novas possibilidades na comunicação.

171

É nesse momento que a Agência Mural surge.

Territórios invisíveis ou que querem que seja invisível

Jova Rural é um bairro que fica na zona norte de São Paulo, perto do limite da cidade com municípios vizinhos da Grande São Paulo. Nascido de uma ocupação que cresceu muito, a região há 20 anos não tinha asfalto nem ligação de água e luz. De lá para cá as coisas melhoraram um pouco. Paraisópolis é conhecida como a segunda maior favela de São Paulo. Dentro dela, entre becos e vielas, moradores se desdobram para sobreviver, mas com criatividade criam casas com materiais recicláveis, agências

² VELOSO, L. **Jornalistas apontam falta de abordagem sobre imprensa negra**. Agência Mural, 2019. Disponível em <<https://www.agenciamural.org.br/jornalistas-apontam-falta-de-abordagem-sobre-a-imprensa-negra-no-pais/>>. Acesso em 4/11/2020.

de moda, exploram o turismo e criam uma variedade de negócios como as casas noturnas e os forrós que acontecem eventualmente. Guaianases tem no nome indígena a origem de um bairro que também foi morada para imigrantes. Atualmente, pesquisadores que cresceram na região tentam resgatar essa história - presente também nos muros por meio do grafite. Em Parelheiros, no extremo sul, uma livraria dentro de um cemitério é a mostra de como a cultura serve de instrumento de transformação.

Em comum, todos estes bairros nos extremos da cidade de São Paulo são um pequeno extrato do que são as periferias da capital e um lado que, em 2010, era pouco explorado pelos veículos como um todo. Mostrados com uma perspectiva de serem foco de criminalidade ou um lugar de pessoas ‘carentes’ que precisavam ser salvas, estes bairros se enxergavam pouco no noticiário. Essa conclusão veio em uma oficina de jornalismo em 2010 feita pelo jornalista Bruno Garcez com 60 comunicadores da cidade. Garcez era bolsista do Knight International Journalism Fellowships, programa oferecido pela organização ICFJ (International Center for Journalists). As oficinas ocorriam no jornal Folha de S. Paulo, onde aquela oficina ganhou corpo.

Parte dos jornalistas que participaram da formação começaria em novembro de 2010 uma nova etapa. O blog Mural, até hoje hospedado no site do jornal Folha de S. Paulo. Ele foi possível quando uma das editoras do jornal, Izabela Moi, teve contato com Bruno. Ela se interessou em abraçar o projeto e iniciar um blog com a participação desses comunicadores das periferias. Convenceu o jornal da importância de trazer diversidade e da importância de mostrar uma visão de dentro por meio do talento dessa nova turma. Às 00h02 de 24 de novembro saía a primeira publicação.

“Basta um pedaço de terra, uma trave, um par de chuteiras, ou quem sabe um tabuleiro. Crianças e adolescentes do bairro Jardim Brasília, na Parada de Taipas, subdistrito de Pirituba, transformam o tempo livre em diversão”, descrevia a correspondente Bianca Pedrina, no texto “Lazer improvisado, mas que funciona”. O texto mostrava que em meio à falta de lazer na região e campos de futebol que cobravam aluguel, crianças e adolescentes criaram seu próprio espaço em Taipas, construindo “campinhos” em terrenos abandonados pelo poder público. “Com duas

traves e um pedaço de terra, os garotos montaram seu campo. ‘Antes não era assim, era um descampado em declive. Nós que pegamos na enxada e o deixamos plano’.”³

O blog Mural foi o primeiro passo de algo que se tornaria maior. “O projeto “Mural” se tornará uma agência de notícias das periferias e referência em conteúdo produzido de forma colaborativa por profissionais moradores das comunidades sobre temas que afetam o seu dia a dia, para o bem e para o mal”, previa Bruno, ainda no Mural Brasil, blog destinado às reportagens que fossem produzidas durante aquelas oficinas de 2010. Mas isso não se constituiu automaticamente como um plano.

Desde a estreia do blog na Folha, Izabela Moi assumiu a aprovação de pautas. Para manter a proximidade com todos os envolvidos, a ideia era que se reunissem uma vez por mês para discutir pautas, conversar sobre os textos e o projeto, além de falar sobre o que acontecia em cada uma das periferias desses correspondentes. Dez anos depois, este é um dos compromissos que mantemos, realizada sempre aos sábados, para facilitar com a agenda de todos, tendo em vista que muitos trabalham em outros locais durante a semana. Mesmo com a pandemia de Covid-19, temos feito encontros pela internet. Fazemos essa reunião mensal com todos os ‘muralistas’, apesar das mudanças que viriam ao longo desse período.

Fazer esses encontros é um dos pontos que talvez tenha mantido aquele grupo diverso unido e participando junto, mesmo 100% de forma voluntária nos primeiros anos. Outra característica para essa manutenção foi que a Mural sempre trazia novos nomes. O primeiro processo seletivo foi um ano depois da formação da primeira turma, em 2011. Foi neste ano em que eu entrei na Mural. Já sabia do trabalho porque uma das participantes desde o início do projeto era Patrícia Silva, correspondente do Campo Limpo, com quem estudava jornalismo e namorava na época. Ela me incentivou a participar do processo seletivo.

Me lembro do primeiro contato com os outros muralistas. A minha turma tinha uma característica que agregaria ainda mais um aspecto diferente a essa cobertura da

³ PEDRINA, Bianca. **Lazer improvisado, mas que funciona**. Blog Mural, 2010. Disponível em <https://web.archive.org/web/20101129052821/http://mural.folha.blog.uol.com.br/arch2010-11-21_2010-11-27.html#2010_11-24_00_02_31-154875123-0>. Acesso em 04/11/2020

periferia: as cidades da Grande São Paulo. Moro no Jardim das Bandeiras, em Osasco. Assim como diversos bairros da capital, essas cidades vizinhas têm importância e fazem parte do contexto econômico da região metropolitana. Mas assim como as periferias, essas 9 milhões de pessoas que têm histórias para contar⁴ eram retratadas essencialmente quando havia algum tipo de violência grave ou pelo estigma da carência. Cidades como Diadema, Osasco e Carapicuíba, entre outras, viveram anos sob esse estigma, assim como distritos do Capão Redondo, Jardim Ângela, entre outros, nos anos 1990. O preconceito também era visto na hora de entrevistas de emprego em que moradores dessas cidades ou desses bairros evitavam dizer de onde vinham. Agregar a Grande São Paulo e as periferias dessas cidades se tornaria também um dos aspectos essenciais da Agência Mural na comparação com o jornalismo sobre as periferias que cresceu nesses dez anos.

Logo na primeira reunião dessa turma de 2011, me lembro de ter sido perguntado sobre o porquê queria entrar na Mural e que tipo de história diferente poderia acrescentar. Disse que gostaria de conhecer mais minha cidade e dei como exemplo o fato de que os trens da CPTM estavam sendo substituídos por trens menores. Dessa forma, pessoas que esperavam no começo da plataforma, tinham de correr caso o trem que chegasse fosse o novo e menor veículo. Foi esse inclusive meu primeiro texto.

Mas algo que me chamou a atenção era justamente a necessidade de entender melhor a realidade e as histórias do lugar em que eu vivia. Quem se tornava correspondente se compromete a ser um conhecedor do bairro/cidade - o que é um desafio, tendo em vista que muitos precisam trabalhar no centro e vivem seu bairro mais na hora de descansar. Até o lazer está fora de lá muitas vezes. Só que quando abríamos os olhos para olhar ao redor não faltavam histórias.

Aqui também é importante entender a ideia do correspondente local. Inspirado no conceito de correspondente internacional que vive em uma cidade no exterior para reportar o que acontece por lá, na Mural buscamos trazer mais contexto para as histórias

⁴ TALARICO, Paulo. **9 milhões de histórias para contar**. Observatório da Imprensa, 2014. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed789_9_milhoes_de_historias_para_contar/>. Acesso em 04/11/2020.

e incluir mais a visão dos moradores. Para isso, ter alguém que vive, conhece e participa da realidade do bairro é fundamental. Foi a denominação que todos os repórteres ganharam. O texto sobre o Itaim Paulista será de um correspondente do Itaim, sobre a favela Monte Azul de um correspondente que cresceu e vive lá e assim por diante.

Evidente que ao longo desses dez anos vimos que isso variava para cada “muralista” - outro nome que chamamos nossos correspondentes locais. Participaram desde aqueles que tinham contatos com movimentos culturais e sabiam das principais demandas da sua periferia. Havia quem não tinha proximidade, mas convivia tanto com a realidade da região que isso era um grande catalisador de pautas. Outros conseguiam boas informações ao entrar em contato com associações que atuavam nos seus bairros. Também tivemos aqueles que tiveram de descobrir por si mesmos como conhecer e se reconhecer no bairro. Por outro lado, ter essas características num projeto completamente voluntário era um desafio. Alguns não ficaram. Outros seguiram até que novas perspectivas viessem. E vieram.

Os *posts* para a Folha começaram a ser remunerados em 2013 e, pouco a pouco, começamos a ganhar outros espaços, muito fruto da atuação dos próprios muralistas. Vagner de Alencar, que marcou os primeiros anos do blog com histórias sobre os moradores de Paraisópolis, aprofundou esse trabalho com a publicação do livro “Cidade do Paraíso: Há vida na maior favela de São Paulo”⁵, fruto do trabalho de conclusão de curso na universidade, mas onde utilizou boa parte do que cobriu sobre a região. Na obra, ele mostra como Paraisópolis é muito mais do que a narrativa policial que marca as notícias sobre a região. Há por ali um arquiteto que usa garrafas pet para construir uma casa, uma economia que pulsa entre becos e vielas com a construção de mais moradias, além das noites de forró ou de jazz da comunidade. Valores e características que dez anos depois ainda precisam ser reforçados, numa comunidade marcada pela morte de nove jovens em 2019, após uma desastrosa ação policial em um baile funk do bairro.

⁵ ALENCAR, V, BELAZI, B. **Cidade do Paraíso: Há vida na maior favela de São Paulo**. Primavera Editorial. São Paulo, 2013.

Outro marco ocorreu em março de 2012, quando cinco muralistas escreveram uma coluna na seção Tendências e Debates do jornal. O título: ‘Nós, mulheres das periferias’. No texto, Bianca Pedrina, Jéssica Moreira, Mayara Penina, Semayat Oliveira e Patrícia Silva falam sobre os preconceitos que as mulheres dos bairros periféricos vivem. “Quem de nós nunca ouviu a famosa afirmação: ‘Você não parece que mora na periferia.’ Bom, até onde sabemos e vemos, as mulheres da periferia não têm apenas um padrão de beleza, não usam as mesmas roupas e não gostam de um único tipo de música”⁶. Desse artigo, as muralistas seguiram na discussão sobre o tema e criaram em 2014 uma nova organização: o Nós, mulheres das periferias.

Outro artigo importante sobre a necessidade dessa cobertura e que ilustra bem o momento daquela sociedade foi escrito por Leandro Machado, na época correspondente de Ferraz de Vasconcelos, em 2012. O texto ‘De repente, Classe C’, publicado na coluna Tendências e Debates da Folha de S. Paulo e traduzido pelo jornal inglês Financial Times, sintetizava a visão que alguns meios de comunicação e as empresas tinham das quebradas. “Sou ex-pobre. Todos querem me vender geladeira agora. O trem ainda quebra todo dia, o bairro alaga. Mas na TV até trocaram um jornalista para me agradar”, apontava Machado. “Eu me considerava um rapaz razoavelmente feliz até descobrir que não sou mais pobre e que agora faço parte da classe C. [...] Todo mundo fala de nós e, claro, quer nos atingir de alguma forma”.⁷ A descrição bem humorada de Machado sobre como as grandes marcas viam as periferias e a população mais pobre lembra bem a preocupação que nascia. As vozes que vinham das regiões mais pobres cobravam mais direitos. Ao mesmo tempo, o mercado enxergava cada vez mais esses moradores como um público consumidor importante.

Foi no meio disso que vieram as jornadas de junho em 2013, a onda de protestos que marcou a década e até hoje causa debates sobre seus desdobramentos. Na

⁶ PEDRINA, B; MOREIRA, J. PENINA, M; OLIVEIRA, S; SILVA, P. **Nós, mulheres das periferias**. Folha de S. Paulo, 2012. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/29772-nos-mulheres-da-periferia.shtml>> Acesso em 04/11/2020

⁷ MACHADO, L. **De repente, Classe C**. Folha de S. Paulo, 2012. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2012/07/1120280-tendenciasdebates-de-repente-classe-c.shtml>>. Acesso em 04/11/2020

disputa entre consumo x direitos, o protesto contra o aumento do preço da passagem de ônibus, iniciada pelo Movimento Passe Livre, desencadeou uma série de outros protestos. A mistura de manifestações nacionais, com demandas locais, tomou várias cidades. Também se questionava o momento de Copa do Mundo, que em 2014 promoveu mudanças drásticas em vários bairros pobres, enquanto os moradores deles ficaram de fora da festa⁸. Sabe-se que decidiram por baixar a tarifa naquele ano, mas as demandas relacionadas às periferias, aos serviços de saúde, a melhora da educação, foram ficando esquecidos e tomados por outros tipos de protestos nos anos seguintes com outras características políticas.

Nesse caldeirão, havia uma ascensão importante. As primeiras gerações de famílias das periferias formadas por bolsistas de programas como o ProUni (Programa Universidade Para Todos), como conta Cíntia Gomes⁹, ganhavam ímpeto. Assim como a ampliação de estudantes universitários vindos das periferias. Essa efervescência cobrava novas vozes. Eu fui um desses jornalistas que se encontraram na universidade por causa do programa. Estudei na Universidade São Judas Tadeu, no Butantã. Nascido e criado em Osasco, era um escrevente de cartório até conseguir a bolsa de 50%. Pagar a mensalidade era difícil com o salário e se tornou mais complicado quando comecei a estagiar na CET (Companhia de Engenharia de Tráfego). Entrei no jornalismo pensando em ser um jornalista esportivo. Até entrar na Mural e ter despertado esse interesse maior pelo jornalismo local. Mas produzir esse tipo de jornalismo começou a se tornar mais complexo.

Você é carente?

Os primeiros anos de trabalho da Mural levaram a gente a criar nossas normas, baseada nessa convivência com as periferias. Queríamos que as ideias vindas da

⁸ LIMA, L. **Vizinhos do estádio ficam fora da abertura da Copa em Itaquera**. Blog Mural, Folha.com, 2014. Disponível em <<https://mural.blogfolha.uol.com.br/2014/06/12/vizinhos-do-estadio-ficam-de-fora-de-abertura-da-copa-em-itaquera/>>. Acesso em 04/11/2020

⁹ GOMES, C. **Na zona sul, a história dos primeiros da família na universidade**. Agência Mural, 2019. Disponível em <<https://www.agenciamural.org.br/ensino-superior-na-periferia/>> Acesso em 04/11/2020.

quebrada tivessem relevância na sociedade. Em especial com relação aos preconceitos sobre os moradores pobres, com o qual sempre convivemos. Um dos rótulos mais comuns para essas regiões (tão forte que está impregnado no dia a dia) é o de carente. O uso da palavra carente para designar regiões das periferias brasileiras é algo comum. Trata-se também de um discurso embutido em governos quando falam das ações sociais em regiões onde há extrema pobreza. Desde os primeiros momentos do trabalho da Mural, a insatisfação do uso dessa palavra para designar favelas e bairros periféricos era grande, sobretudo pelo juízo de valor embutido ali.

Em 2012, produzimos um minidocumentário chamado “Você é carente?”. Um vídeo feito com muito esforço com a falta de recursos na época. As imagens foram captadas com flipcam num trabalho coletivo e a edição ficou por conta de alguns muralistas que gostavam do trabalho em vídeo, como Cacau Ras e Vander Ramos. Foi um dos primeiros esforços na área de vídeo, que teria muitos outros trabalhos pela frente. Mas aqui dois pontos importantes: o primeiro é a tentativa quase artesanal e voluntária desse trabalho - o ‘espírito do queremos fazer e vamos fazer’; o aprendizado do que é necessário para uma produção em vídeo. Outros vídeos importantes desse período foi o “O que é periferia?” e o “O caminho da pauta”, no qual falávamos os caminhos que percorremos para contar uma história.

Sobre o “Você é carente?”, não era só uma reportagem - era a busca por uma transformação no jornalismo, por transformar redações, por trazer um conceito, por quebrar um preconceito. Ser carente é vago. Do que alguém é carente? Do que falamos nessa carência quando citamos isso. Durante um tempo, o Lucas Veloso fez de forma voluntária o papel de ombudsman do termo, enviando questionamentos para as redações que o utilizavam.

Essa idealização foi talvez a primeira norma que sistematizamos como um princípio. Até então, tínhamos como referência de manual de redação produzido pela Folha de S. Paulo, o qual ainda usamos como apoio para normas de padronização e de apoio gramatical. Mas também temos nossos próprios itens de cobertura. Eles foram crescendo quando começamos a formar o que chamamos de comissão editorial.

Em 2015, cinco dos editores --Livia Lima, Marina Lopes, Rafael Balago, Thiago Baltazar e Vagner de Alencar-- criaram os “Dez mandamentos da cobertura da periferia”, documento que se tornaria os “Dez Princípios”, publicados no nosso site. Os dez itens apontam algumas questões que são básicas, mas fundamentais, para a boa prática jornalística sobre as periferias, como evitar o julgamento de valor, não usar clichês para tratar dessas regiões periféricas, ouvir as crianças para entender as histórias, não subestimar a articulação dos moradores nem a força política deles. Embora sejam princípios que assumimos para a Mural, são termos que entendemos serem essenciais para uma boa cobertura em geral. “Os princípios são, mais que tudo, um convite para retornar à essência do jornalismo de boa qualidade, que é fiel aos cidadãos ao retratar suas diferentes realidades e que promove, pela exatidão da informação, a relevância de seu papel”¹⁰, aponta o texto. Esse trabalho ajudaria no futuro a criação de um manual de redação que Rafael Balago e Priscila Pacheco ajudaram a formar. E foram importantes quando escrevemos um código de ética e uma política de diversidades, que possibilitaram que entrássemos no projeto Credibilidade¹¹ em 2018.

Mas voltando à criação dos princípios, na época, o objetivo era apresentar para estudantes de jornalismo de forma simples quais as características da nossa prática jornalística. A relação com universidades e com escolas sempre foi uma marca importante no processo de construção da Agência Mural. Com o tempo, esse atendimento aos convites para falar sobre nosso trabalho passou a ser uma parte da nossa atuação com o Mural nas Universidades. A ideia era justamente levar sugestões de como cobrir as periferias para as salas de aula.

A relação com os estudantes universitários sempre foi importante porque também era por meio da universidade que poderiam surgir novos muralistas. Além disso, é um público que costuma acompanhar nosso trabalho. Por fim, nas participações

¹⁰ Os **Dez princípios da cobertura jornalística** estão disponíveis em <<https://www.agenciamural.org.br/principios/>> Acesso em 04/11/2020

¹¹ Iniciativa que desenvolve padrões de transparência na imprensa, por meio de um consórcio de comunicação internacional denominado Trust Project. No Brasil, o Credibilidade é realizado pelo Projor (Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo) e pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

nesses eventos há um sentimento de que a Mural, assim como outros veículos novos que surgiram, apresentam perspectivas novas para o trabalho de jornalista, num mercado cada vez mais difícil e em crise. O fato de um estudante de periferia ver que jornalistas dessas regiões conseguem criar uma organização e atuar durante tanto tempo serve como estímulo de que há muitas possibilidades para trabalhar na área.

A Mural nas Universidades é também um contato com nossa audiência, desafio este que sempre foi um dos dilemas que vivemos ao longo dessa cobertura. Como se aproximar mais de quem é o morador da periferia? Sabíamos que estar na internet não significa chegar ao público que mais nos importa. Essas inquietações ao longo de 2014 fizeram com que novas ideias surgissem.

Uma delas foi a Expo Mural, uma exposição itinerante de reportagens feita nos bairros que cobrimos. Com as matérias impressas para serem coladas na parede, Cleber Arruda, da Brasilândia, Patrícia Silva, do Campo Limpo, e Humberto Müller, da Cohab José Bonifácio, Thaís Santana, do Ananguera, realizaram a primeira exposição de matérias na região de Perus. A “exposição” depois ganharia um banner, uma barraca e um revisteiro, tudo bancado por uma vaquinha feita entre os próprios muralistas. A ideia: levar um resumo de reportagens sobre a região, reforçar a presença de uma correspondente da região (no caso Jéssica Moreira), conversar com os moradores diretamente sobre a necessidade de haver jornalismo que cubra a região e que quebre preconceitos. Foram várias exposições ao longo dos anos nessa tentativa de aproximação.

Pela mesma época, criamos o primeiro projeto do Mural nas Escolas, iniciado por Vagner de Alencar, com a ideia de levar a discussão sobre a falta de cobertura sobre as periferias para estudantes do ensino médio da rede pública. O segundo objetivo era também para falar sobre as perspectivas na carreira de jornalismo. Foi um primeiro passo na área de educação midiática. Foi via o Mural nas Escolas que, em 2018, realizamos o Acontece nas Escolas, que foi coordenado por Karol Coelho. Nele, dez estudantes das periferias produziram reportagens sobre o conteúdo escolar, com mentoria de muralistas.

Esses novos projetos eram criados de forma orgânica com uma frase que se tornou regra ao longo dos primeiros anos da Mural: “quem dá a ideia, coordena”. Era assim quando alguém sugeria uma pauta coletiva ou quando pensava em montar um grupo para trabalhar mais as redes sociais. E sem nenhum dinheiro envolvido ou dividindo valores simbólicos por uma matéria. Nos mantivemos unidos por pelo mais da metade desses dez anos por causa do engajamento com essa missão, esse objetivo comum de fazer jornalismo sobre as periferias. Foi nesse formato que novas histórias foram contadas e alguns grupos de trabalho nasceram. Entre eles, a própria comissão editorial - formada pelos próprios correspondentes que se dispunham a gastar parte do tempo livre para se dedicar ao projeto com a aprovação de pautas, edição de textos e publicação das reportagens. Com o avanço de tantas frentes, sentíamos que era hora de um novo passo.

A virada em 2015

Perto de completar cinco anos de trabalho e sonhando com novas possibilidades, decidimos tentar um novo passo. Sair do status de blog para o de agência de notícias e de inteligência sobre as periferias. “Não estamos satisfeitos em apenas contar as histórias. Queremos que elas circulem. Queremos que todos leiam. Se fazemos parte da mesma Grande São Paulo, quem somos nós, se não todos nós? Precisamos reintegrar o olhar sobre a cidade”¹², escreveu Izabela Moi, naquele ano, em um texto que enfatiza onde estávamos e para onde queríamos ir: reforçar e levar ainda mais conteúdo para os moradores das periferias. Uma das missões da Mural sempre foi justamente cobrir lacunas de informação. “Se esses locais são menos atendidos por infraestrutura e têm menos oportunidades de emprego, os moradores têm o direito de enxergar seu contexto a partir de um processo de transformação, não como uma fatalidade imutável”, ressalta Iza. “Reengajar o leitor para que a informação seja útil e para que, ao mesmo tempo, a audiência participe de sua produção e circulação”.

¹² MOI, I. **Nasce a Agência Mural de Jornalismo das Periferias**. Observatório da Imprensa, 2015. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/tendencias-no-jornalismo/nasce-a-agencia-mural-de-jornalismo-das-periferias/>> Acessi en 04/11/2020

A aposta era ousada, mas também estava dentro do que vínhamos fazendo. Já eram naquele momento, mil histórias contadas sobre periferias da Grande São Paulo. Na época já produzíamos reportagens que eram publicadas em outro veículo, a Folha, conquistando novos espaços também na edição impressa/online e no Guia da Folha. Iniciativa capitaneada por Rafael Balago, que trabalhava ali, começamos a publicar todas as semanas uma dica cultural e gastronômica sobre as periferias. Mais uma forma de quebrar estereótipos sobre as quebradas de São Paulo, indicando diversas possibilidades para os habitantes da capital paulista.

Para que todos esses nossos projetos e estes planos de crescimento vingassem, nosso primeiro passo foi um lançamento de um site. Em 2016, uma nova parceria nasceu e que também teria esse olhar local como marca: O 32xSP. Em uma parceria com a Rede Nossa São Paulo, o portal buscava trazer o retrato das 32 subprefeituras de São Paulo, com uma cobertura focada nas desigualdades presentes na maior cidade do país e a prática do jornalismo de dados. Foi também o primeiro projeto com financiamento, o da Fundação Ford.

Quando falamos em dados e as periferias, muitas vezes essa informação vem de levantamento e contagem feita dos próprios jornalistas. Como contabilizar qual é o principal tipo de reuso do óleo de cozinha por donas de casa¹³ e como isso influi no meio ambiente.

Ou quando buscamos saber o quanto as campanhas eleitorais têm potencial de sujar as casas¹⁴ e os bairros. Neste caso, é importante citar o quanto o trabalho coletivo sempre possibilitou pautas originais. Outro exemplo nesse sentido, foi um levantamento da Mural que teve repercussão nacional. Quem anda de trem pelas cidades da Grande São Paulo sabe dos desafios vividos em cada uma das estações. Na hora de entrar ou

¹³ PACHECO, P. **Sabão é principal meio de reúso de óleo de cozinha e maioria desconhece pontos de coleta.** Blog Mural, Folha.com, 2017. Disponível em <<https://mural.blogfolha.uol.com.br/2017/04/03/sabao-e-principal-uso-de-oleo-de-cozinha-usado-e-maioria-desconhece-pontos-de-coleta/comment-page-1/>> Acesso em 04/11/2020

¹⁴ MELO, A.K. et al. **Na reta final, morador da Grande SP recebe santinhos suficientes para cobrir uma pessoa.** Blog Mural, Folha.com, 2016. Disponível em <<https://mural.blogfolha.uol.com.br/2016/10/04/bairros-da-grande-sp-recebem-na-reta-final-santinhos-suficientes-para-cobrir-uma-pessoa>> Acesso em 04/11/2020

sair do trem, o vão entre o trem e a plataforma assusta a todos e dificulta ainda mais a vida de idosos e pessoas com deficiência. Vendo a situação, decidimos nos dividir em oito pessoas e andamos por todas as 90 estações. Com um trena, medimos cada um dos vãos e descobrimos que havia distâncias de até 46 cm, quatro vezes mais do que o indicado¹⁵. Por meio da Lei de Acesso à Informação, soubemos que por ali caíam mil pessoas por ano. A reportagem publicada na Folha também teve repercussão em um jornal diário da TV Globo. Desde então, borrachões¹⁶ têm sido instalados para tentar reduzir o número de acidentes.

Esse trabalho e a ampliação da cobertura foram dando conta de um amadurecimento ainda maior da nossa prática jornalística. Também foi um momento de tentar formalizar definitivamente o que era a Agência Mural. Partimos para uma campanha de financiamento coletivo, cujo objetivo era registrar a agência e constituir um CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica). Só desta forma, seria possível buscar doações para financiar o nosso jornalismo. Era uma forma também de nos integrar com todos que tinham contato com nosso trabalho e foi fundamental para a formação do primeiro time fixo em 2018.

O financiamento dessa nova fase foi possível após a busca incansável de Izabela Moi. Ao longo desses dez anos, ela sempre esteve se desdobrando para articular possibilidades para a organização. Desde 2015, começou a entrar em contato com a OSF (Open Society Foundations) e falar sobre nosso trabalho. Depois de quase três anos, a Mural foi escolhida para receber a primeira aplicação.

Nossa ideia inicialmente era que pudéssemos com esse recurso remunerar parcialmente todos que atuavam no que chamávamos de GT (Grupo de Trabalho). Eram 14 muralistas que ao longo dos últimos anos estavam mais integrados e trabalhando

¹⁵ TALARICO, P. et al. **CPTM tem mil quedas em vãos com largura 4 vezes maior que o permitido.** Folha de S. Paulo, 2017. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/08/1908112-cptm-tem-mil-quedas-em-vaos-com-largura-4-vezes-maior-que-o-permitido.shtml>> Acesso em 04/11/2020

¹⁶ VELOSO, L. **Apesar da pandemia e borrachões, uma pessoa ainda cai por dia nos vãos da CPTM.** Agência Mural, 2020. Disponível em <<https://www.agenciamural.org.br/apesar-da-pandemia-e-borrachoes-uma-pessoa-cai-por-dia-nos-vaos-da-cptm/>> Acesso em 04/11/2020

voluntariamente para manter a publicação dos textos, as redes sociais e projetos como a Expo Mural e a Mural nas Escolas. No entanto, a OSF nos fez alguns questionamentos. Um valor parcial manteria todos ainda trabalhando em seus respectivos trabalhos - logo, sem se dedicar exclusivamente à Mural. Nos reunimos algumas vezes para discutir isso. Faria mais sentido ter uma equipe fixa menor de três a cinco pessoas que estariam o tempo todos voltados a esse trabalho. No final, foi a escolha que fizemos. Criar esse grupo menor e separar parte do recurso para remunerar as reportagens feitas pela rede de correspondentes.

Creio que esse passo a passo é um dos aprendizados que tivemos e pelo qual diversas organizações de jornalismo passam. Somos jornalistas e tivemos de nos desdobrar para inicialmente aprender a entender como funciona nosso modelo de negócio. Nos anos seguintes, tudo isso se multiplicaria. Passado esse período, ter formado um time fixo parece ter sido a decisão mais importante. Ao discutir o tempo todo sobre como manter uma cobertura sobre as periferias, tivemos de fazer algumas difíceis escolhas. Uma delas foi tomar cuidado com a quantidade de projetos que tínhamos em andamento. Um deles era o GEP (Guia de Empregos das Periferias) uma importante iniciativa da Mural pensando em como possibilitar que as pessoas encontrem empregos perto de casa. Tivemos algumas fases do GEP, chegamos a desenvolver uma plataforma, mas em 2019 percebemos que precisávamos reforçar nosso jornalismo e encerramos o projeto. Também paralisamos um pouco a atuação nas escolas, embora ainda aceitamos convites quando chamados.

Mas a necessidade da cobertura ser ampliada seguiu. Ao longo dos primeiros anos, publicamos reportagens em uma revista estrangeira - a Pueblos, numa parceria que nasceu quando dois muralistas, João Paulo Brito e Rafael Balago, estavam na Espanha e fizeram essa conexão. As reportagens foram um verdadeiro retrato da realidade brasileira em 2018, ano das eleições. Também realizamos a primeira publicação de um livro em HQ “Minas da Várzea”, em reportagem de Priscila Pacheco sobre a realidade das mulheres que jogam no futebol de várzea de São Paulo.

Tivemos por oito meses um espaço no jornal Bora São Paulo, da Band. Vale contar aqui um outro aprendizado, tínhamos três profissionais ótimos em vídeo

pensando nesse projeto e, logo no começo, dois receberam propostas de um grande veículo e tiveram de sair naquele momento. Por um lado, a preocupação de perder profissionais nessa altura do campeonato foi grande, mas essa também acaba sendo parte da missão. Que esses profissionais que passem pela Mural cheguem a outros canais, ampliem a diversidade. No fim, tivemos de buscar também outros talentos dentro do grupo.

A ideia de levar as periferias com nosso olhar para um jornal da TV se encaixava ainda mais na ideia de ampliarmos o alcance para nossas periferias. A parceria durou até março de 2020, época em que fomos assolados pela pandemia de Covid-19.

Começamos 2020 com um aumento da equipe fixa. Aquela equipe que tinha cinco pessoas no meio de 2018 cresceu para 12 no começo do ano. Tínhamos também feito pela primeira vez um planejamento estratégico mais detalhado para o ano. Pensamos num calendário, nas reportagens especiais que gostaríamos de fazer, em projetos para a cobertura de eleições. Foi quando veio a pandemia.

A primeira ação foi suspender os encontros presenciais e o contato com a equipe foi mantido apenas virtualmente. Também pedimos cuidados para todos e que evitassem as entrevistas presenciais. Evidente que houve dificuldades para adaptação, mas ao mesmo tempo, o fato de trabalharmos há dez anos em rede foi um facilitador para que as coisas seguissem quase normalmente.

Outro receio era o quanto a doença poderia afetar quem estava ao nosso redor, lidar com os medos de quem está nas periferias - onde morreram boa parte das vítimas do novo coronavírus. Uma das nossas repórteres pegou a doença e ficou fora por algumas semanas e se recuperou bem. Por outro lado, a pandemia escancarou as desigualdades sociais das nossas cidades, a falta de moradia, alimentação e problemas no transporte público que sempre existiram se tornaram tema da cobertura como um todo.

Adotamos uma cobertura que mostrava a situação dos bairros e o impacto do que denominamos “vírus da desigualdade”. Mas tentamos não alarmar. A ideia era

sempre conscientizar e mostrar que estamos juntos, seguindo lado a lado nesse momento. Trazendo dicas de como se proteger e denunciando a falta de informações clara sobre os bairros periféricos. Foi quando também, Anderson Meneses e Vagner de Alencar tiveram a ideia de lançar um podcast, diário, para ser distribuído pelo WhatsApp, o Em Quarentena, produzido hoje por Ana Beatriz Felício. Utilizar essa nova ferramenta era uma resposta tanto a trabalhar com nossa audiência, como uma tentativa de enfrentar a indústria da desinformação que segue forte no país.

Daqui pra frente

Quando pensamos no futuro, na Agência Mural, sabemos que o ideal era que não fosse necessário ter um jornalismo sobre as periferias, ou mesmo que periferias fossem esse retrato da desigualdade que vemos. Tratadas com igualdade e com a mesma quantidade de serviços, essas regiões teriam seus direitos reconhecidos, demandas atendidas, e não seria mais um território de exclusão por parte do poder público. Mas essa perspectiva de igualdade ainda está longe.

Apesar de termos tido grandes avanços nessa década sobre a cobertura dos bairros periféricos, ainda há muitas lacunas a serem preenchidas. Vale dizer que assim como a Mural, outras organizações de comunicação têm corrido atrás dessa democratização da informação, de cobrir essas lacunas e de quebrar esses preconceitos. Essas iniciativas, assim como a Mural, têm colaborado para a mudança nas narrativas tanto nos meios mais tradicionais da imprensa como no ecossistema noticioso como um todo. E cada vez mais, dentro dessa mídia tradicional, a cobrança por diversidade nas redações e nas reportagens se mostra mais clara.

Esse movimento todo ocorre mesmo em um país onde a imprensa tem sofrido mais ameaças a seu trabalho, em que há um trabalho constante para desvalorizar a atuação dos profissionais e alguns são tachados como inimigos. Me pergunto sempre o quanto a cobertura local não pode ser um caminho para driblar polarizações ou para desmascarar mentiras que se espalham pelas redes sociais. Essa credibilidade jornalística é alcançada quando o jornalismo muda ou busca mudar a vida das pessoas.

No final deste ano em que completamos dez anos temos muito o que comemorar. Vamos testar nossa capacidade de replicar o modelo pela primeira vez em outra cidade: estaremos nosso piloto em Salvador, na Bahia, no final de novembro. Essa ação, coordenada por Cíntia Gomes, foi possível com o apoio financeiro do Facebook e pode ser o caminho para nos aventurarmos em novas regiões, para entender novas periferias e a partir disso entender mais o que é o Brasil. Porque somos hoje um país de muitas desigualdades, repletos de lacunas a serem cobertas.

Sempre dissemos também que não damos voz a ninguém, mas esperamos contribuir para que elas cheguem mais longe e que essa força e potência das periferias seja reconhecida, mais visível. Ainda temos muito que fazer para garantir esse direito de todos e todas nós.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, V, BELAZI, B. **Cidade do Paraíso: Há vida na maior favela de São Paulo**. Primavera Editorial. São Paulo, 2013.

GOMES, C. **Na zona sul, a história dos primeiros da família na universidade**. Agência Mural, 2019. Disponível em <<https://www.agenciamural.org.br/ensino-superior-na-periferia/>> Acesso em 04/11/2020.

LIMA, L. **Vizinhos do estádio ficam fora da abertura da Copa em Itaquera**. Blog Mural, Folha.com, 2014. Disponível em <<https://mural.blogfolha.uol.com.br/2014/06/12/vizinhos-do-estadio-ficam-de-fora-de-abertura-da-copa-em-itaquera/>>. Acesos em 04/11/2020

MACHADO, L. **De repente, Classe C**. Folha de S. Paulo, 2012. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2012/07/1120280-tendenciasdebates-de-repente-classe-c.shtml>>. Acesso em 04/11/2020

MELO, A.K. et al. **Na reta final, morador da Grande SP recebe santinhos suficientes para cobrir uma pessoa**. Blog Mural, Folha.com, 2016. Disponível em <<https://mural.blogfolha.uol.com.br/2016/10/04/bairros-da-grande-sp-recebem-na-reta-final-santinhos-suficientes-para-cobrir-uma-pessoa>> Acesso em 04/11/2020

MOI, I. **Nasce a Agência Mural de Jornalismo das Periferias**. Observatório da Imprensa, 2015. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/tendencias-no-jornalismo/nasce-a-agencia-mural-de-jornalismo-das-periferias/>> Acesso em 04/11/2020

MOI, I. **Por que fazemos jornalismo sobre as periferias.** Agência Mural, 2019. Disponível em <<https://www.agenciamural.org.br/por-que-fazemos-jornalismo-sobre-as-periferias/>> Acesso em 04/11/2020

PACHECO, P. **Sabão é principal meio de reúso de óleo de cozinha e maioria desconhece pontos de coleta.** Blog Mural, Folha.com, 2017. Disponível em <<https://mural.blogfolha.uol.com.br/2017/04/03/sabao-e-principal-uso-de-oleo-de-cozinha-usado-e-maioria-desconhece-pontos-de-coleta/comment-page-1/>> Acesso em 04/11/2020

PEDRINA, Bianca. **Lazer improvisado, mas que funciona.** Blog Mural, 2010. Disponível em <https://web.archive.org/web/20101129052821/http://mural.folha.blog.uol.com.br/arch2010-11-21_2010-11-27.html#2010_11-24_00_02_31-154875123-0>. Acesso em 04/11/2020

PEDRINA, B; MOREIRA, J. PENINA, M; OLIVEIRA, S; SILVA, P. **Nós, mulheres das periferias.** Folha de S. Paulo, 2012. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opinia0/29772-nos-mulheres-da-periferia.shtml>> Acesso em 04/11/2020

VELOSO, L. **Apesar da pandemia e borrachões, uma pessoa ainda cai por dia nos vãos da CPTM.** Agência Mural, 2020. Disponível em <<https://www.agenciamural.org.br/apesar-da-pandemia-e-borrachoes-uma-pessoa-cai-por-dia-nos-vaos-da-cptm/>> Acesso em 04/11/2020

VELOSO, L., TALARICO, P. **Jornalistas apontam falta de abordagem sobre imprensa negra.** Agência Mural, 2019. Disponível em <<https://www.agenciamural.org.br/jornalistas-apontam-falta-de-abordagem-sobre-a-imprensa-negra-no-pais/>>. Acesso em 4/11/2020.

TALARICO, P. **9 milhões de histórias para contar.** Observatório da Imprensa, 2014. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed789_9_milhoes_de_historias_para_contar/>. Acesso em 04/11/2020.

TALARICO, P. et al. **CPTM tem mil quedas em vãos com largura 4 vezes maior que o permitido.** Folha de S. Paulo, 2017. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/08/1908112-cptm-tem-mil-quedas-em-vaos-com-largura-4-vezes-maior-que-o-permitido.shtml>>. Acesso em 04/11/2020.